

Zé Gatão

Wanderson Lima

1.

Não assunto em escola de rico.
Não sou de Zoropas.
Apago o dia quando a pálpebra fecho.
Zé Gatão me chamam
embora de batismo me conste José.
Nem fui vaqueiro nem tive um peito de leite.
Meu pai ariou panela
enquanto a mãe procurava Deus.
Eu no pé de manga
sendo passarim
passava horas.
Quando cansava, voltava a ser eu
p'a levar sova do pai
que achava pé de manga
não ser como escola.

2.

N' Angola eu nunca fui.
Mas dia inteiro maginava
a Terra dos Negros.
Mulher com o peito de fora.
Homem correndo no mato.
Um mundo bonito de preto.
Maginava sendo passarim
num pé de manga distinto
com tudo de mor tamanho
e de cor mais afoita.
Lá maginava minha mãe
e o céu que ela via no livro.

3.

Os miúdos correm
que as pernas perdem –
mas nunca chucei
bichim de ninguém.

Mães por aí porém
me dizem de bicho
que bota no saco
pequeno chorudo.

Não sei pajelanças
nem banto de bruxo:
sou preto, bebo; e viajo de saco –
mas nem ordenho as tetas do Demo!

4.

Carrego carvão nas costas
da Palmeirinha a Valença.
Carrego três filhos nas costas
da Palmeirinha a Valença.
Carrego um zumbido
no ouvido
que nem sai dum inseto.
Vem da mistura do sol com o peso da carga.
Sou um preto que nada no fogo.

5.

A pinga afroixa a língua
e murcha o quengo.
A pinga arrocha a bota
e afroixa o bolso.
A pinga abriga o bambo
e expulsa o macho.

A pinga esquece o preço
desse carvão malvado.

6.

Em Valença
tem preto
que come maciça
sete dias.
Em Valença
tem preto
rodando de carro.
Em Valença
tem mestre Alfredo
- um negro dos pretos -
que dá emprego
de arribar casa.

Meus filhos
não hão de bicar
no copo da pinga.
Hão de arribar casa
com seu Alfredo
e me alevantar
da boca dos outros.

Wanderson Lima é poeta, ensaísta e professor de literatura na Universidade Estadual do Piauí (UESPI).